

## APRESENTAÇÃO

# Estudos radiofônicos para além de efemérides

*Eduardo Vicente, Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry*

Indiscutivelmente, o rádio tem uma longa e apaixonante história em nosso país. Que se mede, entre outros fatores, pela quantidade de iniciativas, cada uma a seu modo pioneira, e que demarcam o início de sua trajetória entre nós. Temos os experimentos do padre Landell de Moura, desenvolvidos ainda no fim do século XIX (FORNARI, 1984); o extraordinário trabalho da Rádio Clube de Pernambuco, iniciado em 1919 (FERRARETTO, 2021); as transmissões realizadas pela Westinghouse desde o Morro do Sumaré, no Rio de Janeiro, em 1922; a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette-Pinto e Henrique Morize, no ano seguinte...

### >> Como citar este texto

VICENTE, Eduardo; LOPEZ, Debora Cristina.; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Estudos radiofônicos para além de efemérides. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana - MG, v. 12, n. 02, p. 02-09, mai./ago. 2021.

### Sobre a Equipe Editorial

#### Eduardo Vicente (Editor Convidado)

[eduvicente@usp.br](mailto:eduvicente@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-1130-0637>

Professor associado do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e do PPG em Meios e Processos Audiovisuais da mesma instituição. Editor da *Novos Olhares*, revista de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos ([www.revistas.usp.br/novosolhares](http://www.revistas.usp.br/novosolhares)).

#### Debora Cristina Lopez

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, é professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná e de Ouro Preto, onde também leciona na graduação de Jornalismo. Coordena os Grupos de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Convergência e Jornalismo (ConJor), além do Laboratório de Inovação em Jornalismo, ambos na UFOP.

#### Marcelo Kischinhevsky

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é diretor do Núcleo de Rádio e TV da mesma instituição, onde leciona nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ).

#### Lena Benzecry

<https://orcid.org/0000-0003-1258-8123>

Doutora pela ECO/UFRJ, atualmente é pesquisadora do Núcleo de Rádio e TV na mesma instituição.

Independentemente do marco que se estabeleça, a relação amorosa entre o Brasil e o rádio já é centenária, e a presença do veículo na sociedade brasileira sempre se deu de forma bastante intensa.

Um momento definidor dessa presença foi o Decreto nº 21.111, promulgado pelo governo de Getúlio Vargas, que regulamentou a publicidade radiofônica no país (ORTRIWANO, 1985) e deu um impulso fundamental ao seu desenvolvimento dentro de um modelo comercial, em que a atuação do Estado, no entanto, fazia-se sentir com muito vigor. Escrevendo em 1941 para a revista *Cultura Política*, Álvaro Salgado, um dos ideólogos do regime estado-novista para o setor radiofônico, oferece-nos o que parece ser uma posição oficial do governo sobre esta questão: “É cedo para a radiodifusão exclusivamente oficial. O que nos convém, o mais eficiente no momento, é a rádio controlada ao lado de algumas estações oficiais” (SALGADO, 1941, p. 40).

Essa presença do Estado será a grande marca do rádio brasileiro na fase do espetáculo (décadas de 1930 a 1950), tanto através da Rádio Nacional, estatizada em 1940 (SAROLDI & MOREIRA, 1984) e que se torna, a partir daí, a grande protagonista do rádio brasileiro no período, quanto pelo programa Hora do Brasil (depois Voz do Brasil), produzido pelo governo Vargas a partir de 1935 e veiculado obrigatoriamente, ainda hoje, por todas as emissoras do país

Porém, mesmo que o viés ideológico da ação estatal não possa ser ignorado, é preciso reconhecer que ela colocou o rádio como o grande artífice da cultura brasileira e um dos principais fatores de unificação de um país de dimensões continentais. Assim, através de um rádio que tinha essa preocupação de falar a todo o Brasil, foram se “reunindo num grande abraço corações de Norte a Sul”, como propunha a canção *Cantores do rádio*, de 1936, de Lamartine Babo, João de Barro e Alberto Ribeiro.

Já a partir dos anos 1960, com a chegada da televisão, o rádio acaba se distanciando dos programas mais ligados ao entretenimento que haviam sido a base de sua programação nas décadas imediatamente anteriores – como a radionovela e os programas de auditório, agora adaptados ao meio televisivo – e entra em sua fase de segmentação (FERRARETTO, 2012), principalmente em termos etários e socioeconômicos...

Sabemos que essa breve história do rádio, apresentada aqui de forma muito resumida, já é bem familiar aos leitores da **Radiofonias**. Mas a motivação principal para iniciarmos a apresentação da edição atual dessa forma é justamente a de lembrar que, se essa história já é bem conhecida, isso se deve, em grande medida, aos pesquisadores de rádio do país, muitos dos quais foram ou são integrantes do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), criado em 1991. Um Grupo que, além de reconstruir a história do nosso rádio, buscando determinar seus desvios, tendências e consequências, bem como recuperar as trajetórias de pioneiros e desbravadores, viveu e vive as importantes mudanças no veículo e na sociedade nacional sentidas ao longo desses seus 30 anos de existência, protagonizando a consolidação dos estudos radiofônicos no Brasil.

Sonia Virgínia Moreira (2005) lembra que a primeira e a segunda fases da pesquisa em rádio no país contavam, predominantemente, com manuais de redação e produções de caráter memorialístico. Para a autora, é a partir dos anos 1990 que se fortalecem os trabalhos mais acadêmicos, que buscam refletir sobre o meio, sua percepção, seus impactos. O GP Rádio e Mídia Sonora nasce nesse cenário e reúne, a partir da iniciativa da própria Sonia e de Doris Fagundes Haussen, pesquisadoras e pesquisadores apaixonados pelo meio.

Com o passar dos anos, chegam novos integrantes, e o olhar sobre o meio – teórico, metodológico e da definição do objeto de estudos em si – amplia-se. O Grupo de Trabalho em Rádio original expande seu olhar e se torna o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. A realização de pesquisas coletivas, a relação com o fazer radiofônico e sonoro, a formação de pesquisadores e a construção de interfaces com outras áreas serão os pontos de destaque da trajetória do grupo, que se revelam com vigor em suas produções: livros, cursos, séries sonoras, mesas especiais e centenas de trabalhos publicados em anais de eventos.

Além de produções coletivas acadêmicas e sonoras, um outro destaque foi a atuação do grupo na construção da Carta dos Pesquisadores de Rádio e Mídia Sonora do Brasil, que questionava o Ministério das Comunicações sobre

a tecnologia a ser adotada para a implantação do rádio digital no Brasil. O movimento, que envolveu a assinatura de 72 pesquisadores brasileiros, levou à revisão da decisão do Ministério depois de uma reunião com uma comissão de pesquisadores, composta por Luiz Artur Ferraretto, Nair Prata e Nelia Del Bianco. O fato, ocorrido em 2007, representa a capacidade de articulação do GP e seu olhar atento às questões do rádio e mídia sonora no país.

No cenário mais recente, as múltiplas facetas desse rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2014), que se manifesta especialmente através das webrádios e podcasts, ganham destaque nos trabalhos do Grupo, bem como a crescente atenção às demandas identitárias, especialmente étnicas e de gênero, que têm se manifestado nesse novo e plural universo sonoro.

Muito da trajetória e das pesquisas aqui esboçadas será lembrado nesta edição da **Radiofonias** através do dossiê comemorativo “30 anos de estudos radiofônicos – O papel do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, que celebra a efeméride desse Grupo do qual participam não somente os editores desta revista, mas também perto de uma centena de pesquisadores de rádio e mídias sonoras do país. Para o dossiê, tivemos a alegria de contar com sete contribuições de oito autores que, além de serem alguns dos mais importantes pesquisadores dessa área no país, são também participantes e, em sua maioria, ex-coordenadores do Grupo. Os textos oferecem uma visão bastante abrangente dos impactos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom sobre o desenvolvimento dos estudos sobre rádio e mídia sonora no país, bem como ilustram algumas das principais vertentes de suas pesquisas.

Luiz Artur Ferraretto, professor da UFRGS, por exemplo, discute em “Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições”, a importância das reflexões realizadas no âmbito do Grupo através de uma recuperação histórica das contribuições de pesquisadores brasileiros a respeito da ressignificação da palavra rádio e da atualização de seu conceito em função da cultura da convergência, de Henry Jenkins, e dos processos de midiamorfose,

conforme Roger Fidler, e remediação, a partir de Jay Bolter e Richard Grusin. Em seu percurso, Ferraretto, constata a validade de pensar o meio como criação cultural em uma analogia com o proposto por Otto Groth a respeito do jornalismo.

Já Mágda Cunha, professora da PUC do Rio Grande do Sul, reflete em “Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão”, sobre as contribuições oferecidas pelo Grupo ao longo de seus 30 anos. Com esse objetivo, ela analisa os estudos sobre rádio e mídia sonora em suas três fases distintas: recuperação da história, consolidação e expansão a partir da relação com as tecnologias contemporâneas de comunicação. A perspectiva proposta parte do princípio de que estes três eixos definem a trajetória das investigações na área e estabelecem uma relação relevante com o ecossistema de mídia. Na percepção da autora, os pesquisadores, em sua tentativa de abarcar o objeto em um ambiente dinâmico de transformações, estabelecem momentos de resistência e reposicionamento dos estudos.

Nair Prata, docente da UFOP, em “Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa”, busca entender qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil e os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora a partir tanto da reflexão sobre a trajetória, ações e publicações do Grupo, quanto a partir dos depoimentos de sua coordenadora atual e dos nove ex-coordenadores. Partindo das duas questões que norteiam sua investigação – Qual é o lugar dos estudos radiofônicos no Brasil 30 anos depois da criação do GP? Quais os principais desafios da pesquisa em rádio e mídia sonora? – os resultados da pesquisa apontam para um mapa consolidado dos estudos radiofônicos no Brasil e para um grupo de pesquisa vigoroso, fraterno e profícuo, mas que enfrenta grandes desafios, inclusive a própria diminuição do seu principal objeto de investigação, o rádio.

Nelia Rodrigues Del Bianco e Valci Regina Mousquer Zuculoto, respectivamente professoras da UnB e da UFSC, através do texto “30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom”, discutem o

processo de produção do conhecimento sobre o rádio brasileiro no âmbito do Grupo a partir da análise das 25 pesquisas e obras coletivas que produziu entre 1997 e 2020. As autoras destacam, em sua análise, as pesquisas que tiveram origem em um escopo estruturado coletivamente e buscam problematizar os desafios para a construção de parâmetros científicos na condução de estudos coletivos, como a convergência de interesses individuais, o papel dos participantes e das lideranças, a padronização de resultados e o compromisso com o rigor e a fidedignidade dos dados.

Já Elton Bruno Barbosa, professor da UnB, em "Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil", estabelece um perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora para os estudos sobre o serviço público de radiodifusão sonora do Brasil, área que enfrenta, historicamente, desafios multidimensionais de natureza conceitual, social, cultural, política, normativa e tecnológica, fortemente relacionados às condições de origem de suas emissoras. Marcadas, principalmente, pelas relações contíguas com os governos vigentes em diferentes épocas e por variados níveis de injunções do sistema estatal e comercial de radiodifusão em suas trajetórias.

Eduardo Meditsch, docente (como Zuculoto) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, recupera, em "Rádio e Pânico, 1998: na análise da invasão marciana, a primeira experiência de pesquisa em rede", a memória da primeira pesquisa em rede realizada pelo Grupo, que resultou também na publicação de seu primeiro livro coletivo. Trata-se da análise da peça de radioteatro A Guerra dos Mundos, de 1938, dirigida por Orson Welles para a CBS norte-americana. A pesquisa foi realizada por ocasião do sexagésimo aniversário do programa, que provocou pânico entre os ouvintes e foi um ponto de inflexão na carreira de Welles. Para o autor, essa pesquisa representou um salto qualitativo para o Grupo, que passou a operar também como rede em função de objetivos científicos definidos coletivamente.

Por fim, Doris Fagundes Haussen, professora aposentada da UFRGS e pesquisadora do CNPq associada à PUCRS, analisa, em "O escritor e o rádio – sete romances de Erico Veríssimo", a presença do rádio em obras daquele autor publicadas entre 1933 e 1943, período em que o veículo era implantado e desenvolvido no país. Ao longo de sua análise, ela procura demonstrar como o rádio foi incorporado na produção literária e, ao mesmo tempo, refletir sobre os imaginários circulantes sobre a nova tecnologia à época. Seu estudo baseia-se na contribuição de autores como Edgar Morin, Juremir Machado da Silva, Beatriz Sarlo e Simone de Beauvoir, além de abordar 58 passagens das obras de Veríssimo, nas quais o veículo é percebido, principalmente, como novidade tecnológica e símbolo de status.

Fechando o dossiê, uma entrevista de Sônia Virgínia Moreira, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e uma das fundadoras do Grupo, que fala sobre sua criação, sua trajetória e perspectivas para o futuro dos estudos radiofônicos.

A edição traz ainda um artigo de tema livre e uma resenha. No artigo, "Rádio Unama FM – Uma experiência de produção de conteúdo em uma universidade particular da Amazônia", Rodolfo Silva Marques, Ivana Oliveira e Mário Camarão França Neto, todos docentes da Unama, apresentam aos nossos leitores a experiência da Rádio Unama FM, que entrou no ar em 2005. Para o desenvolvimento da análise, são utilizados os métodos da revisão de literatura e do estudo de caso, enquadrando a emissora como educativa, de perfil universitário, sediada em uma instituição particular de ensino superior da Amazônia.

Já a resenha, de autoria de Luana Viana, doutoranda da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), apresenta aos nossos leitores o livro *A seleção das fontes no rádio expandido*, de Luã José Vaz Chagas, publicado em 2020 pela Editora da Universidade Federal do Mato Grosso (Edufmt), e que se constitui numa importante indicação de leitura para esses tempos de propagação de fake news e disparos irresponsáveis de mensagens que estremecem nossa democracia.

Esperamos que a leitura desta edição agrade a todas e todos e, nesses tempos de desinformação e de tantos ataques à diversidade, à democracia e ao meio acadêmico, reforce a crença no poder informativo e unificador do rádio bem como na capacidade da ciência e do pensamento científico em abordar e oferecer soluções para os muitos dilemas e desafios de nossa sociedade. Desejamos muitas felicidades ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e que os anos vindouros tragam novas comemorações de suas efemérides, trabalhos e conquistas.

### Referências bibliográficas

FERRARETTO, Luiz Artur. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-13, jan.-dez. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic On-Line**, Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação, Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012.

FORNARI, Ernani. **O incrível Padre Landell de Moura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: Interações no rádio social. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 11, n. 30. São Paulo, janeiro de 2014

MOREIRA, Sonia. Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

SALGADO, Álvaro F. Radiodifusão, Fator Social. **Revista Cultura Política**, Ano 1, n. 6. Rio de Janeiro: DIP, 1941.

SAROLDI, Luiz C.; MOREIRA, Sônia V. **Rádio Nacional: O Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.